



*como  
num filme*

AUTORA DE MAIS QUE AMIGOS

**LAUREN LAYNE**

PREQUEL DA  
SÉRIE RECOMEÇOS

**LAUREN LAYNE**

**como  
um filme**

**PREQUEL DA SÉRIE RECOMEÇOS**

**TRADUÇÃO  
LÍGIA AZEVEDO**

**B I  
B I  
B I  
B I**

# Sumário

1  
2  
3  
4  
5  
6  
7  
8  
9  
10  
11  
12  
13  
14  
15  
16  
17  
18  
19  
20  
21  
22  
23  
24  
25  
26  
27  
28  
29

Agradecimentos

*Para LACT.*

*Obrigada.*

*Pela orientação nas redes sociais. Pelos conhecimentos  
de tecnologia e outras nerdices. Pelo gênio criativo.*

*Pelos drinques e por me ouvir.*

*Por estar aqui.*

## STEPHANIE

É assim: nos filmes românticos, sempre tem o encontro fofo.

É o momento em que o casal se encontra pela primeira vez, e é surpreendente, irônico, encantador ou qualquer bobagem dessas.

Você sabe, aquela cena em que a protagonista feminina sarcástica e intimidadora acha que o novo advogado bonito trabalha na limpeza. Ou quando a secretária bonitinha bate na traseira de uma BMW só para descobrir que é do seu novo chefe.

Então, é claro, o amor verdadeiro nasce, e todo mundo esquece que a coisa toda foi deliberadamente arquitetada.

Mas isso aqui você não aprende nas aulas de introdução ao cinema: na vida real, o encontro fofo não é nem um pouco fofo. É muito mais constrangedor. Às vezes é do tipo “quero morrer”.

E quer saber outra coisa que a gente não aprende?

Leva muito mais tempo do que esse breve momento para saber que a outra pessoa não passa de um gigantesco pé no saco.

Basicamente, o encontro fofo é uma grande ilusão criada pela terra da fantasia que é Hollywood.

Só que às vezes... às vezes ele é real.

Minha mãe sempre me dizia que a gente não sabe quem realmente é até fazer trinta. Estou convencida de que isso é uma besteira.

Estou com vinte e um e já sei várias coisas sobre mim mesma. O cheiro de rosas me deixa enjoada, fico pálida ao usar roupas verdes, não sei bater papo-furado e sou louca por filmes antigos.

Ah, e odeio chegar atrasada.

Mas deve haver alguma lei cósmica para que no primeiro dia de aula você não ouça o despertador, não encontre a mochila e o metrô demore *muito* para passar.

Não que eu precise me preocupar em chegar atrasada para a aula de roteiros de filmes clássicos, porque é só uma optativa. Mas, como eu disse, odeio me atrasar.

O lado bom é que faz três anos que estudo na Universidade de Nova York, então sei me virar no campus. Pelo menos não me perco enquanto estou meio correndo, meio andando rápido, com os peitos pulando a caminho da sala de aula.

Estou revirando minha mochila preta velha em busca de uma barrinha de cereal para substituir o

café da manhã quando bato em um muro de... bem, *pura gostosura*, por falta de uma expressão melhor.

Nunca tinha virado a esquina e dado de cara com alguém, mas sempre pensei que acontecesse meio que em câmera lenta.

Não é bem assim.

É mais como um lampejo de surpresa, enquanto você bate os dentes de um jeito desconfortável, seguido de uma grande humilhação.

Não sei o que é pior: as minhas coisas estarem todas espalhadas pelo chão ou o fato de que estou boquiaberta diante do cara com quem acabei de trombar. Ele é ridiculamente bonito, com cabelo curto, de um jeito meio certinho. Cabelo loiro-escuro, queixo quadrado, olhos castanho-claros e ombros deliciosos...

Não faz o meu tipo. Prefiro o estilo artista magrelo com olhos expressivos. Mas, ainda assim, é um cara bonito, se você gosta dos altos e musculosos com gel no cabelo.

Em vez de se desculpar, o cara solta um suspiro baixo, como se isso estivesse sendo inconveniente para *ele*, que não é nem o dono dos absorventes e cadernos espalhados pelo chão.

“Ótimo”, murmuro, me inclinando para recolher a bagunça.

Ele se abaixa no mesmo momento, e consigo afastar a minha cabeça, evitando que ela se choque com a dele, como se fosse uma cena de filme B. Infelizmente, isso joga meus peitos na cara dele. Nós dois recuamos antes que seu nariz mergulhe bem ali no meio. Ou seja, troquei um momento levemente desconfortável por outro ainda mais constrangedor. O dia não poderia estar sendo melhor...

“Foi mal”, o Bonitão diz, com um sorriso torto. Não sei se está se desculpendo pela trombada inicial ou pela humilhante situação de quase ter enfiado a cara no meio dos meus peitos sem querer. Como parece que ele está prestes a rir, desconfio que seja a segunda opção.

Babaca.

Mantenho os olhos fixos nos meus livros e papéis que estão no chão, pois meu rosto está muito vermelho. É claro que eu tinha que ter saído de regata hoje. Não sou do tipo que mostra muita pele, mas está quente pra caramba, com a umidade em quatrocentos por cento, e minhas camisetas escuras de sempre pareceram meio opressivas.

É o que eu ganho por ser prática.

O cara começa a me ajudar a recolher minhas coisas, e eu o avalio discretamente. A polo branca e a bermuda xadrez muito bem passadas destoam do estilo do pessoal do departamento de artes, em que a maior parte dos alunos parece comigo: com cabelo e roupas escuros e muito lápis de olho.

Examino a bolsa cor de café dele, com um discreto logo da Prada.

“Você está perdido?”, solto.

Ele dá uma risadinha.

“O fato de não andar acelerado por aí não quer dizer que estou perdido.”

“Não virei com tudo”, digo. “Só estava com pressa.”

Ele pega um absorvente e me passa com um sorriso inocente no rosto. Tento parecer segura ao guardá-lo no fundo da mochila. Sério, entre todas as coisas espalhadas no chão, ele tinha que recolher justamente isso?

Reúno o resto da bagunça e enfio tudo na mochila, levantando enquanto fecho o zíper. “Então tá. Só ia te ajudar a se localizar.”

“Começo meu último ano em setembro. Acho que posso me virar no campus”, ele diz, também levantando e ficando bem mais alto do que eu.

“*Aqui?*” Fico embasbacada. “Você parece saído de um folheto de Harvard.”

Ele levanta uma sobrancelha um pouco mais escura que o cabelo. “Então você julga as pessoas pela aparência?”

Nem sei por que estou discutindo com esse cara, mas ele parece meio convencido, e essa coisa toda perfeitinha me deixa louca. Prefiro caras reais, o que não é o caso.

Aponto para o figurino dele. “É só que você parece ter se esquecido de tirar o uniforme do clube de campo.”

Ele dá um passinho na minha direção. Tento ignorar o fato de que é uns trinta centímetros mais alto que eu e tem visão perfeita do meu decote.

“O mau humor vem com o visual gótico?”, ele pergunta, me olhando de cima a baixo. “Ou vende separado?”

Levanto a mão para esconder meus olhos. “Cuidado pra onde aponta seus dentes, por favor. O brilho está me cegando.”

Ele passa a língua pelos dentes ridiculamente brancos, parecendo pensar. “Quando está escuro demais para estudar, eu só sorrio e uso o reflexo dessas maravilhas, sabia?”

É uma péssima resposta, mas só reviro os olhos e deixo que tenha a última palavra. Cansei dessa conversa absurda. Vou para a sala, sabendo que estou vinte minutos atrasada.

“Não vai nem se despedir?”, ele grita pra mim. “Devolvi seu absorvente!”

Faço um aceno de qualquer jeito por cima da cabeça, sem me dar o trabalho de virar.

Encontro a sala e me preparo para a sensação desconfortável de ser a atrasadinha. Está bem cheia, considerando que é uma optativa de verão, mas acho que não é surpresa quando o professor ganhou dois Globos de Ouro e um Oscar.

Na verdade, ele nem é um professor de verdade, e sim o roteirista queridinho de Hollywood no momento. Martin Holbrook se formou na Universidade de Nova York uma centena de anos atrás. Dá algumas aulas como professor convidado de tempos em tempos, para dividir um pouco de sua sabedoria com os alunos.

É claro que essa aula não é o único motivo para eu ficar em Nova York no verão. Não é nem o motivo *principal*.

Mas ainda assim é legal pra caramba trabalhar com um cara que passou pelo tapete vermelho e tudo o mais. A experiência da maioria dos meus professores se limita aos bastidores de filmes

independentes.

“Srta. Kendrick, imagino”, Martin Holbrook diz quando tento entrar discretamente.

“Hum, isso”, digo, enquanto sento na primeira carteira livre, encostada na parede. “Desculpa o atraso.”

Para minha surpresa, o sr. Holbrook não parece perturbado pela minha falta de pontualidade. Meus colegas de classe tampouco parecem me repreender com os olhos, como costuma acontecer.

Estão todos concentrados no cara com o sorriso de propaganda de pasta de dente parado à porta.

*Ah, não.* Ele só pode estar na sala errada.

“É bom ver você de novo, Ethan”, Martin Holbrook diz.

*Peraí. Quê? Do que ele está falando?*

Em vez de se esgueirar pelo canto, como eu fiz, Ethan vai com toda a tranquilidade para a fileira vazia em que estou sentada, parecendo indiferente ao fato de que todo mundo está olhando para ele.

Viro para ele, de um jeito que espero que o convença a deixar algum espaço entre nós. Ethan passa rente à minha carteira, derrubando a barrinha de cereal no meu colo.

“Acho que você deixou cair alguma coisa”, ele diz, com uma piscadela.

Todos olham confusos para nós, e não posso culpá-los. Pareço a garota problemática de quem os pais querem que seus filhos mantenham distância, enquanto Ethan é como se fosse o rei do baile. Não deveríamos nem notar a existência um do outro.

No entanto, nós dois chegamos tarde, praticamente juntos e agora ele está cheio de piscadelas e gracejos para cima de mim, dando a impressão de que nos conhecemos.

Credo.

Meu olhar cruza com o de Carrie Sinderson, uma das minhas melhores amigas na faculdade. Ela arregala os olhos dramaticamente, como quem pergunta o que está acontecendo.

*Boa pergunta, Carrie. Ótima pergunta.*

A única coisa boa dessa situação toda é que Martin Holbrook não é tão arrogante quanto eu pensava, e não parece nem um pouco incomodado com a interrupção. Provavelmente porque jogou golfe com o pai do Bonitão da Prada ou coisa do tipo.

Pego meu caderno e uma caneta e tento focar no que Holbrook está dizendo quando sinto alguém cutucar minhas costas.

“Ei, Mortícia, me empresta uma caneta?”

Quero dizer a Ethan que não tenho outra, mas ele sabe muito bem o que eu trouxe na mochila. Pego uma esferográfica azul e deixo na carteira dele sem nem olhar em seu rosto. Não gosto de gente que não entendo, e a presença dele aqui, onde não parece se encaixar, é desconcertante.

Isso e o fato de que Ethan cheira bem. Muito bem. Normalmente detesto que os caras usem perfume. Mas esse é simples, sexy e lembra o verão nos Hamptons, e me deixa bem distraída.

Tento esquecer isso, pois estou evitando a população masculina desde o David, cuja ideia de usar perfume era, aliás, passar desodorante.



“Entenderam?”, pergunta Holbrook. Entro em pânico, porque não estava prestando atenção e ele não escreveu nada na lousa que eu pudesse copiar, além do endereço de um site, que anoto rapidamente.

Por sorte, tem um cara mais perdido que eu sentado no fundo da sala. Ele levanta a mão, confuso. “Espera, então... é só entrar no site, pegar um dos argumentos desses filmes e escrever um roteiro com base nele?”

Holbrook assente. “Isso. Vou estar aqui às terças e quintas, no horário da aula, se tiverem dúvidas ou precisarem falar comigo.”

Franzo a testa. *Então a gente não vai precisar vir pra cá?*

Normalmente eu adoraria essa liberdade, mas eu meio que estava contando com o curso para me manter ocupada no verão. Sempre pude ficar no campus desde que cumprisse determinado número de créditos, mas neste ano estão pintando os dormitórios, então todo mundo tem que sair. Eu subloquei o apartamento minúsculo da minha prima no Queens, mas nem sei se ela tem internet, e certamente não tem ar-condicionado. O que vou fazer o verão inteiro?

Ainda assim... qualquer coisa é melhor do que ir para casa.

“Se não tiverem mais perguntas, vou formar duplas e dispensar vocês.”

Meu cérebro precisa de um segundo para absorver a informação.

*Duplas?*

Não sou do tipo que faz trabalho em grupo.

“Minha filha de quatro anos ficou tirando o nome de vocês de um pote ontem à noite, então não poderia ser mais aleatório”, Martin diz, pegando uma caderneta da mochila. “Aaron Billings e Kaitlin Shirr. Michael Pelinski e Taylor McCaid...”

A lista continua. Carrie olha para mim com os dedos cruzados.

*Por favor, que eu caia com ela.* Posso tolerar isso. Acho.

“Stephanie Kendrick...”

*Por favor, por favor...*

“... e Ethan Price.”

*Ah, não.*

O Bonitão deve ter juntado as peças também, porque sinto outra cutucada firme nas costas.

“OuvIU só, Gótica? Somos uma dupla!”

Fecho os olhos. Isso não pode estar acontecendo.

Em vez de um verão tranquilo para me reencontrar, como eu tinha imaginado, vou passar os próximos três meses com uma versão em tamanho real do Ken.

E isso nem é o pior de tudo.

## ETHAN

Minha dupla de trabalho tem uma beleza que assusta.

Ou talvez só seja assustadora de um jeito lindo.

Seja como for, não sei por que não consigo parar de olhar para ela. A garota nem é o meu tipo.

Ela tem cabelo escuro — quase preto, mas não exatamente —, e não deve ter mais de um metro e sessenta. E, em vez dos vestidinhos floridos e das sandálias que as garotas preferem no verão, usa uma calça cargo preta e botas que parecem saídas do campo de batalha de uma guerra.

E tem aquela regata roxa muito reveladora. É a única parte da roupa de que eu gostei.

Ela tem peitos incríveis.

A maquiagem de guaxinim é menos atraente. É como se o contorno bem preto dos olhos fosse uma forma de dizer “foda-se” para o verão e a felicidade. Fora que ela é bem mal-humorada.

Definitivamente não é o meu tipo.

E agora estou preso com ela pelo resto do verão.

Acho que é bem feito por ter sido um babaca no corredor, quando ela claramente preferia ficar sozinha. O normal seria eu ter ajudado a recolher as tralhas dela e cair fora, mas o jeito como me rotulou antes mesmo que eu abrisse a boca me deixou puto.

É claro que ela está certa. Não me encaixo aqui. Se eu também fosse julgar pelas aparências, acharia que as garotas dessa parte do campus gostam de passar o tempo tomando suco de couve orgânica e discutindo literatura feminista. E a maior parte dos caras parece tão envolvida com essa literatura feminista quanto elas.

Por mim, tudo bem. Cada um na sua, e pronto.

Sou mais o tipo de cara que, na faculdade, bebe cerveja e acompanha futebol americano. Em casa, jogo xadrez e tomo uísque, mas tanto faz. A questão é que vi pelo menos cinco caras na sala de esmalte. *Esmalte*.

Eu não pintaria as unhas nem morto.

Então, essa menina estranha tem razão. Fico deslocado neste lugar, da mesma forma que ela ficaria em Wall Street, onde fiz um estágio no semestre passado. Mas não estou acostumado com as pessoas dizendo essas coisas em voz alta.

Eu me conformo em pedir desculpas a essa gótica em miniatura. Talvez uma oferta de paz possibilite à gente sobreviver ao verão trabalhando juntos. Mas ela já foi embora da sala.

Eu a alcanço em poucos passos e seguro a alça da mochila dela. Fico tentado a levantá-la do chão, só porque posso, mas em vez disso só a puxo com força o bastante para mostrar que estou aqui.

Ela me encara e, por um segundo, fico sobressaltado ao examinar seus olhos de perto. São grandes e bem azuis, totalmente diferentes da sua personalidade. Sinceramente, fico surpreso que não use lentes de contato pretas só para tirar *toda* a cor da sua vida.

“Como foi seu primeiro dia de aula na escola?”, pergunto, andando ao lado dela. “Sério, quem é que ainda usa mochila?”

“Nem todo mundo pode usar Prada”, ela comenta, me lançando outro de seus olhares mortais.

“Uau, você está me esnobando por ser esnobe. Por essa eu não esperava!”

Ela pisca, surpresa com a bronca. A maior parte das pessoas acha socialmente aceitável zombar de gente rica. Talvez elas confundam as notas de dólares com um escudo, não sei.

Ela não responde. Me dou conta de que vou ter que passar bastante tempo com esse ser humano intratável, e não estou nem um pouco a fim disso.

“Olha... Stephanie, né?”, pergunto, segurando sua mochila de novo quando ela tenta fugir, como se fosse uma criança. “Quer falar sobre o trabalho agora ou tem outros planos? Como matar um gato ou fazer outro piercing?”

Seus olhos giram de um lado para o outro, como se estivesse procurando por uma arma, mas então suspira e se solta da minha pegada. “Talvez cada um possa fazer sua parte do trabalho se preferir”, Stephanie diz. “Não sou muito sociável.”

Levo a mão ao peito. “*Não?* Nem acredito.”

Ela revira os olhos de maneira dramática.

“Vai, me dá uma chance”, digo. “Que tal se a gente se conhecer um pouco? Vou começar. Verdadeiro ou falso: você tem uma faca na bota.”

Por um segundo, acho que vai sorrir, mas ela só estreita os olhos e me encara de cima a baixo com condescendência. “Verdadeiro ou falso”, retruca. “Em geral você usa uma malha em tom pastel amarrada sobre os ombros.”

Não respondo. Eu tenho mesmo uma malha em tom pastel, mas só porque minha mãe comprou pra mim. E nunca a usaria no ombro.

“Esquece”, Stephanie diz. “Vou perguntar ao Holbrook se podemos trabalhar separados.”

Forço um sorriso compreensivo. “Confia em mim. Martin é um cara legal, mas não vai abrir uma exceção só porque você tem fobia social.”

Ela levanta uma sobrancelha quando o chamo pelo primeiro nome, e me lembro de chamá-lo de professor Holbrook no campus. Já me sinto culpado o bastante por ele ter me deixado fazer um curso com uma fila de espera tão longa.

Stephanie morde os lábios, sem se deixar convencer.

“Olha, não precisa ser sofrido”, insisto, perdendo a paciência. “E se a gente tomasse um café e bolasse um plano de trabalho?”

“Tá”, ela diz, finalmente.

“Pode ser no Starbucks?”, pergunto. “Ou o fornecedor de copos dele mata golfinhos demais?”

Stephanie arregala os olhos em minha direção. “Só pra saber, quantos clichês você guarda no bolso?”

“Foi você quem começou”, digo, diminuindo o ritmo quando noto que ela tem dificuldade em me acompanhar. “Acha que não notei que você e todo mundo naquela sala simplesmente concluiu que cheguei de iate?”

“E não chegou? Manhattan é uma ilha, afinal.”

Eu a avalio por um segundo, tentando descobrir se está falando sério. Não sei dizer, então recorro ao sarcasmo de sempre. “Não, só uso o iate de fim de semana.”

Agora é ela que me olha sem saber se estou brincando. É até engraçado, de um jeito um tanto esquisito.

“Stephanie, né?”, digo, quando ela não responde. “Posso te chamar de Steph?”

“Não. Nem vem”, ela diz, enquanto atravessamos a rua na direção do logo verde e branco familiar da Starbucks. “Meu ex-namorado me chamava assim. Cansei.”

Cara, alguém *namorava* essa baixinha mal-humorada? Meus olhos passam pelo belo decote da regata. Tá. Tem isso.

“Foi um término ruim?”, pergunto, segurando a porta para ela.

“Acho que sim. Quer dizer, eu o peguei explorando a *vagina* de outra pessoa. Não posso dizer que fui muito compreensiva.”

Engasgo com uma risada. Acho que nunca ouvi uma garota usar essa palavra de forma tão casual. É meio... chocante. “Tá. Então nada de Steph.”

Por um segundo, sinto uma pontada de inveja pela maneira como supera um relacionamento ruim. Queria que meu nome tivesse um apelido com o qual eu pudesse apagar... tudo.

“Deixa eu adivinhar: você vai pedir alguma coisa com leite de soja”, digo, ao entrar na fila.

Ela levanta um ombro, aparentemente resignada a esse estereótipo em particular. “Mocaccino com leite de soja grande e sem chantili. E você vai querer algo bem viril, como café simples. Talvez um expresso.”

Mesmo sabendo que fui eu quem insistiu com essa troca de clichês, começo a odiar o fato de que nossos palpites sobre o outro são quase sempre certos. Então, em vez de pedir um café médio, como sempre, quando chega minha vez, enumero todas as palavras fofinhas em que consigo pensar: chocolate branco, chantili, caramelo, amêndoas. “Ah, e não esquece o granulado”, acrescento.

O barista assente, claramente pensando em como fazer para escrever tudo isso no pouco espaço em branco no copo. É meio castrador, mas assumo o pedido. Não tenho problema em ser metrosssexual ou como quer que estejam chamando caras que escovam os dentes e cortam as unhas.

“Você só pediu isso pra me contrariar”, ela diz, enquanto pegamos nossas bebidas e vamos para a mesa.

“E você só me deixou pagar o seu porque eu imaginei que insistiria em pagar pela sua bebida.”

“É, mas também foi difícil ignorar o maço de notas de vinte na sua carteira.”

“É dinheiro pra droga”, digo, dando um gole na bebida. Faço uma careta de tão doce que é, e Stephanie ri, revelando uma covinha que eu ainda não tinha notado. Provavelmente porque ela não é do tipo que distribui sorrisos a troco de nada.

“Espero que tenha entendido alguma coisa daquele blá-blá-blá da aula”, digo, deixando a bebida de lado. “O que ele quis dizer com ‘argumento básico de um filme’?”

Faço as aspas com as mãos, e vejo que ela aperta um pouco os dentes.

“Eu sabia”, Stephanie diz, se inclinando para mim. “Você não é aluno de cinema.”

“Hã, não. O que foi que me entregou?”.

Ela acena com a cabeça na direção dos meus antebraços. “O bíceps. Nenhum aluno de cinema que se preze teria dois pãezinhos assim.”

Dou risada. “Acho que ninguém mais fala ‘pãezinho’, Gótica.”

Por um segundo, acho que ela está corando, mas então a expressão vazia retorna ao seu rosto. “Então, por que está fazendo esse curso? Achei que fosse só para alunos do departamento, e sei que tinha fila de espera. Eu estava nela.”

Fico me sentindo culpado, mas tento me lembrar de que, se não tivesse dado um jeito de fazer esse curso, estaria metido num terno fazendo outro estágio na Price Holdings. O que, normalmente, eu gostaria. Mas não neste verão.

Como Stephanie parece muito entusiasmada com as aulas, não vou dizer que só entrei porque não havia cursos na área de negócios às terças e quintas. Nem vou abrir o coração e explicar que “ter aula” é a única desculpa que meu pai aceitaria para eu não estagiar no escritório dele.

E certamente não vou dizer *por que* não quero passar muito tempo com meu pai este verão.

Forço um sorriso. “Acho que abriu uma vaga.”

Ela revira seus grandes olhos azuis. “Claro. Bom, vou dar uma olhada no site hoje à noite. Vou descobrir o tema mais fácil e te mandar o planejamento por e-mail.”

“Opa, opa, opa.” Levanto a mão. “Não posso dar minha opinião? Até onde sei é um trabalho em dupla.”

Ela se inclina, toda corajosa, assustadora e esquisita. “Você sabe o que fica guardado dentro daquelas sacolas que os operadores de câmera carregam por aí?”

Reprimo a risada, e meus olhos vão inconscientemente para seu peito. “Não entendi o que você quer dizer.”

Ela nem esboça um sorriso. “Essa sacola guarda equipamentos essenciais para a câmera ser montada no set. Você sabe o nome de pelo menos um filme do Hitchcock? Ou o que é um maquinista-chefe?”

*Merda.* Entre todos os parceiros possíveis, fui cair justamente com um filhote de pit bull.

“Tá, olha, você me pegou”, digo, levantando as mãos. “Essa não é a minha praia. Mas tenho notas

altas, e gostaria de continuar assim. Como vou saber que você não vai dar uma de louca e entregar nosso roteiro com um pássaro morto em cima?”

Já não espero mais reação dessa garota, mas ela me surpreende, soltando uma risadinha que me faz pensar em um arco-íris saindo de uma poça de lama.

A risada some tão rápido quanto apareceu, e ela se reclina na cadeira, parecendo um pouco mais relaxada. “Olha, prometo que não vou estragar tudo, tá? Não quero trabalhar com roteiro, mas sei como funciona e tiro notas bem boas também. Fora que eu nunca entregaria um trabalho com um pássaro morto em cima.”

“Bom saber”, murmuro.

“Nunca tiro minha coleção de pássaros mortos de debaixo da cama.”

Dessa vez sou eu quem sou pego desprevenido. Dou risada, mas ela já começou a discursar sobre como vai ser o trabalho final, com base na descrição do curso no folheto da faculdade.

É. Porque *todo mundo* lê isso.

Tento prestar atenção enquanto Stephanie fala sobre como, depois que ela descobrir o foco da nossa história, vamos ter que pensar em exemplos cinematográficos modernos.

Ela continua tagarelando, e eu tento não encarar seus peitos enquanto considero, distraído, o que todos esses cinéfilos ficam fazendo em Nova York em vez de invadir Hollywood. Não que eu consiga visualizar essa pequena gremlin no sul da Califórnia, mas ela claramente entende do assunto.

“Sua mochila está vibrando”, digo, chutando de leve as coisas dela e interrompendo seu discurso sobre *Casablanca* ser supervalorizado.

“Desculpa”, ela murmura, pegando a mochila e procurando o celular. Não entendo por que ela simplesmente não guarda o aparelho no bolso da frente.

Nunca entendi por que as garotas da minha vida complicam coisas simples. Com Olivia, a praticidade estava em algum lugar entre a pescaria e as competições de *monster trucks* na sua lista de prioridades. As chaves do carro dela estavam sempre no fundo da bolsa, nunca no bolso lateral. Ela nunca prendia o cabelo quando ventava, e um guarda-chuva em dias chuvosos era algo impensável. Aparentemente, esse é um traço compartilhado entre as princesas da Park Avenue e do cemitério de onde Stephanie saiu, porque ela continua a procurar pelo telefone.

Quer dizer, não é como se eu esperasse que elas carregassem sinalizadores e um canivete suíço, mas às vezes parece que as garotas fazem de tudo para estar despreparadas.

“Alô?”. Stephanie finalmente encontra o celular e coloca uma mecha de cabelo atrás da orelha para ouvir. Noto que ela tem cinco piercings, e por algum motivo acho isso sexy. Olivia só usava as pérolas que dei para ela na formatura da escola.

Percebo que Stephanie está escutando muito mais do que falando e, quando paro de olhar sua orelha, noto que está perturbada.

“Não tem problema”, ela finalmente diz para a pessoa do outro lado da linha. “Tenho até o fim da semana para sair do alojamento. Vou pensar em alguma coisa.”

“Está tudo bem?”, pergunto quando ela volta a jogar o celular na mochila. No *fundo* da mochila.

Stephanie dá de ombros. “Era a minha prima. Eu ia ficar no apartamento dela sem pagar quase nada enquanto ela estivesse no Arizona, mas no fim os planos mudaram e ela resolveu ficar.”

Preciso de um segundo para entender o que disse, porque o decote dela desceu um pouquinho, e posso não ser um pervertido, mas, cara...

“O que você vai fazer?”, pergunto.

Ela olha pela janela por um segundo. Espero que fique irritada ou preocupada, mas só parece totalmente resignada com a situação péssima em que se encontra. Como se não merecesse coisa melhor.

“Vou ver se posso ficar no David, acho. Pelo menos ele mora perto do campus.”

“Quem é David?”

“Meu ex.”

Olho para seu perfil enquanto junto as peças. “Espera, o cara que você flagrou explorando a vagina alheia?”

“O próprio.”

Ela diz isso sem emoção, como se não fizesse diferença. Fico incomodado, e quase abro a boca para fazer uma oferta idiota, mas a expressão atormentada em seu rosto me impede. Não tenho o que fazer com uma garota na minha vida no momento, especialmente uma meio esquisita. Nunca fui muito sensível, e não vou começar a ser agora. Tenho meus próprios problemas.

“Que merda”, digo, empurrando minha bebida nojenta na direção dela, como se fosse um consolo para uma garota que deve ser vegana ou algo do tipo.

Stephanie dá de ombros, apática. “Nenhuma novidade.”

Hum.

Talvez a vida dela seja ainda pior que a minha.

## STEPHANIE

Não sou do tipo que chamariam de uma garota feminina. Nem perto disso.

Mas antes eu era.

Costumava ter debates *extremamente* importantes com minhas amigas sobre se deveríamos pintar as unhas de azul para combinar com o uniforme de animadora de torcida ou de amarelo, porque alguma revista disse que era a cor da estação.

Eu prestava atenção em marcas de gloss, só usava calcinha e sutiã combinando e fazia o pé. Quando minha mãe me disse que verde-limão era uma cor que não caía bem em mim, eu ouvi. Quando descobri que minha melhor amiga tinha uma quedinha pelo garoto de quem eu secretamente gostava, desisti dele, porque essa é a regra entre as garotas. Em geral, eu sabia quem estaria em cada festa e planejava a roupa mais adequada à ocasião... um mês antes.

Em outras palavras, eu era um pesadelo adolescente.

Isso foi antes de toda minha vida virar de cabeça para baixo.

E agora?

Hoje as garotas me sufocam. Fazem perguntas demais e exigem respostas demais, estão sempre se metendo.

E as festas? São minha versão do inferno.

Mas faço algumas exceções. Tanto para amizades quanto para festas.

Jordan Crawford nunca admitiria isso, mas o sonho de ir para a Universidade de Nova York era meu. Quer dizer, é claro que essa era uma das universidades da lista dela. Sabia disso porque a gente falava de como seria a vida depois da escola enquanto tomava sorvete. Mas não sei se ela estaria interessada nessa universidade se eu não estivesse tão determinada a estudar em Nova York. Naquela época, não era o cinema que me atraía. Eram as luzes brilhantes, os saltos altos e o fato de que as pessoas *faziam coisas* na cidade.

E Nova York era grande. Quando se cresce no menor estado do país, *grande* pode ser muito importante.

Bom, Jordan e eu nunca falamos de verdade sobre os motivos pelos quais ela escolheu a Universidade de Nova York. Mas, no último ano da escola, depois que minha mãe se foi e Caleb virou coisa do passado... de repente, Jordan ia estudar no mesmo lugar que eu. Simples assim.

O que não quer dizer que vivemos grudadas uma na outra. Quando miraculosamente consegui



entrar no departamento de artes, Jordan apenas disse “Ui” e me mostrou o folheto do departamento de jornalismo. Ela quer ser comentarista esportiva um dia. Me parece péssimo, mas Jordan ia se dar muito bem nessa carreira. Ela tem aquele jeito de quem é “só mais um dos caras”, mas sem *parecer* um dos caras. É a garota dos sonhos de qualquer um.

“Tem certeza de que não quer que eu veja se tem um lugar sobrando na irmandade no verão?”, ela pergunta, enlaçando meu braço.

Lanço um olhar para Jordan que significa: *pareço alguém que faz parte de uma irmandade?*

Ela reconhece a validade do meu comentário silencioso com um longo suspiro. “Não acredito que não conseguimos encontrar um lugar para você ficar durante as férias.”

“*Eu* acredito. Meu círculo social é mais um *ponto* social.”

Ela aperta os lábios com gloss por alguns segundos. Consigo traduzir perfeitamente esse gesto, já que ficamos amigas no oitavo ano: *you costumava ter um círculo social.*

“Bom, vou perguntar na festa hoje à noite”, ela diz. “Temos três dias antes que você precise sair do dormitório. Vamos encontrar alguma coisa.”

“Então, sobre essa festa”, digo, sentindo o pânico que me é muito familiar. “Tem *certeza* de que é só uma reuniãozinha?”

Ela fica em silêncio, e eu suspiro. “Jordan. É uma festa de fraternidade, né?”

Minha amiga abre um sorriso culpado. “*Por favor*, Steffie! É a última festa do semestre. As provas terminaram, o verão chegou... Não quer aproveitar?”

De repente, meu estômago tem mais nós que um capítulo de *Moby Dick*. “Você sabe por que não vou a festas.”

“Mas vou estar do seu lado o tempo todo”, ela diz, pegando minhas mãos e apertando meus dedos para que eu acredite nela. “Só não beba nada que não venha das minhas mãos. Vai ser divertido. Faz um século que a gente não passa uma noite de sexta-feira juntas.”

Isso não é inteiramente verdade. Passamos bastante tempo juntas. Só que sempre no meu quarto. Em geral, assistindo a um filme em preto e branco e tomando vinho. Não vamos a festas de fraternidade com barris de cerveja e garotas vomitando.

Estou levando Jordan para baixo comigo, e sei disso. Ela sempre vai na minha, joga de acordo com as minhas regras. Devo pelo menos isso à minha amiga.

Além disso, Jordan provavelmente está certa. Eu *deveria* tentar sair mais. Essa crise toda de moradia me abriu os olhos para o fato de que tenho poucos amigos. Cara, na verdade, que tenho poucos *conhecidos*. Talvez essa festa idiota seja o primeiro passo para evitar um futuro vivendo à base de feijões enlatados e cercada por gatos.

Tem um símbolo grego na porta da casa, mas não tenho ideia do que significa... garotos, garotas, sei lá.

O cheiro é dolorosamente familiar. Bebida, suor e perfume demais.

Respiro fundo pela boca e tento bloquear as lembranças. *Você consegue.*

Jordan é imediatamente cercada por um grupo de meninas dando gritinhos. Elas me ignoram completamente, ainda que minha amiga esteja segurando minha mão. Tudo bem. Não me encaixo aqui. Já entendi.

Ela me lança um olhar intrigado quando solto a mão delicadamente. Respondo com um sorriso rápido: *Estou bem.*

E é verdade. Porque entendo direitinho como essas festas funcionam. É só evitar a bebida e não tem problema. Se escolher o copo *errado*, sua vida pode virar de cabeça para baixo.

Passo por uma série de casais se beijando e ignoro quando um grupo de garotos no canto seca meus peitos. Quando chego à cozinha, é ainda pior. Uma bagunça de garrafas, barris e jarras com um líquido neon.

Sigo em frente, sem saber o que exatamente estou procurando. Imagino que seja um cantinho tranquilo para ficar. Uma ruiva alta que parece familiar me vê e abre um sorriso largo. “Ei, Steffie! Quer uma bebida?”

*Steffie.* Odeio que me chamem assim. Só deixo Jordan fazer isso em nome dos velhos tempos, mas aparentemente algumas amigas dela pegaram o costume, e não sei como corrigir a garota sem parecer mal-educada. E pelo menos essa daí olha para mim.

“Estou bem”, digo, oferecendo o que espero ser um sorriso amistoso, então continuo andando.

Me repreendo mentalmente assim que vou embora. Poderia ser a abertura de que eu precisava pra começar uma conversa e descobrir se ela conhece alguém que conhece alguém que está procurando uma colega de quarto para o verão. Mas minha capacidade de jogar papo fora evaporou há um bom tempo, e agora ninguém olha para mim ou fala comigo.

Tenho que virar de lado para conseguir passar por um corredor lotado que espero que leve para a sala de estar ou para uma porta lateral ou um enorme buraco no chão pelo qual eu possa sair daqui.

Estou quase no fim do corredor quando um cretino à minha frente levanta a mão para o amigo bater. Sem querer, ele acerta meu queixo com o cotovelo enquanto faz o gesto.

“*Merda!*”, ele diz, olhando para mim. “*Merda, foi mal...*”

Ele se interrompe, e eu esqueço o impacto nos dentes.

É *ele*.

“Ethan Price”, digo, cautelosa, massageando o maxilar. “Como foi que passei três anos sem ver você e agora são duas vezes na mesma semana?”

Fico esperando ansiosamente por uma daquelas réplicas loquazes que não param de sair da sua boca, mas tudo o que recebo em troca é um silêncio constrangido.

Olho para ele mais de perto, e preciso de cinco segundos para me dar conta de que este não é o cara charmoso com quem trombei na aula e que pagou o meu café.

Ainda é Ethan Price, mas... de um jeito diferente. Essa versão é mais fechada. O maxilar está apertado e os olhos castanhos, cautelosos. Por algum motivo, suas defesas estão erguidas.

Ele continua lindo, mesmo que só esteja olhando para mim. Bom, talvez ele esteja lindo *porque* está olhando para mim. O Ethan que conheci durante a semana me provocava com suas respostas engraçadinhas e seu sorriso fácil. *Esta* versão parece mais comigo. Guardada. Talvez um pouco raivosa.

É estranho, mas quero descobrir o motivo dessa transformação.

Ele olha nervoso para o corredor lotado, e então eu entendo. *Este* Ethan está dolorosamente consciente de sua própria imagem, e uma garota como eu não vai ajudar sua reputação. Tudo bem falar com a esquisitona quando se está no meio de outros esquisitões. Mas estes atletas corpulentos e essas magrelas de irmandade são o pessoal dele. No mundo de Ethan, caras como ele não falam com garotas como eu. Ambos sabemos disso.

*Então tá.*

Não é como se eu me importasse. Não mesmo.

Mas, ainda assim, quero esnobá-lo antes que me esnobe, então faço menção de ir embora.

Seus dedos encontram meu braço antes que eu consiga me mexer; é um gesto mais bruto do que eu esperaria de alguém que provavelmente faz a unha.

“Você está bem, Gótica?”, ele pergunta, asperamente, com seus olhos escuros procurando os meus.

Por um segundo, meu estômago revira com a pergunta. Quando foi a última vez que alguém me perguntou se eu estava bem?

Então a realidade bate, e eu me dou conta de que Ethan não está me perguntando se eu, Stephanie Kendrick, estou bem. Está só se certificando de que não perdi um dente quando me deu uma cotovelada no rosto. Provavelmente ficou preocupado de eu tramar alguma vingança contra ele.

Fico surpresa por estar decepcionada com isso.

“Claro, tudo bem”, digo. E é verdade. Meus dentes nem estão mais doendo.

Então, acontece.

Alguém me empurra por trás, me derrubando sobre seu corpo atlético. Meus peitos ficam pressionados contra seu peitoral e minhas mãos encontram seus ombros.

*Merda.* É constrangedor.

*Anda, Stephanie.*

Mas eu fico ali.

De alguma maneira, me sinto segura assim, o que não faz sentido.

Meu nariz quase toca seu peito, e eu tento mandar minhas mãos fazerem força contra ele para recuperar o equilíbrio. Digo a mim mesma que não percebo como seu peito é firme ao tocar nele. Mas estou mentindo, porque é impossível não notar.

Minha blusa sobe um pouco e, quando ele põe os braços à minha volta para ajudar a me estabilizar, sua mão encosta na pele da parte inferior das minhas costas. Ambos seguramos o ar com o contato.

De repente, sinto calor, e não tem nada a ver com o corredor abafado. É *ele*.

O que está acontecendo aqui? Três dias atrás eu estava amaldiçoando a existência desse cara, considerando se havia um jeito discreto de envenenar seu café. Nem sequer *gosto* dele. Não gostava da versão espertinha e sarcástica, e definitivamente não gosto da versão macho carrancudo.

Mas não me mexo.

Nem ele.

Ethan dá uma olhada rápida por cima do ombro antes que sua mão livre se mova. Ele põe um dedo sob meu queixo e levanta meu rosto em sua direção.

Sua mão é quente, seus dedos são gentis, e por alguma razão minha respiração acelera. Ele examina meu rosto e assente de leve — acho que para se certificar de que não estou sujando todo o chão de sangue.

---

Fim da amostra deste eBook.

Você gostou?

[Compre agora](#)

ou

[Veja mais detalhes deste eBook na Loja Kindle](#)

---

00000>